

## *Ridendo Castigat Mores: o combate às “pulgas parnásicas” nas páginas da Semana Ilustrada*

### *Ridendo Castigat Mores: the struggle against the “parnasian fleas” in the pages of the Semana Ilustrada*

Adriana Dusilek<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutora em literatura pela Unesp/Assis. Atualmente investiga a crítica literária no periódico carioca *Semana Ilustrada* (1860-1876) através do PNPd/CAPEs. É uma das organizadoras do livro Machado de Assis: crítica literária e textos diversos (2013), e autora de *Metamemória e Romance* (2015). Atua principalmente nos seguintes temas: romance brasileiro contemporâneo; metamemória; crítica literária de Machado de Assis; periódico *Semana Ilustrada*. É pesquisadora associada à Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos (SEO) e à *Brazilian Studies Association* (BRASA).  
[adrianadusilek@uol.com.br](mailto:adrianadusilek@uol.com.br)

**RESUMO:** Dentro da crítica literária que há nas crônicas da *Semana Ilustrada* (1861-1876), proponho identificar aquilo que caracterizaria os chamados “maus poetas”. Esses “poetas rimadores”, “poetas sem alaúde”, “poetas inválidos”, “poetas de pé quebrado”, eram constantemente alvo dos cronistas para ridicularização. Fosse com sutil ironia ou com ostensiva demonstração, os cronistas que apontavam as “aberrações poéticas” tinham o objetivo de corrigir através do riso, já que a divisa da revista *Semana Ilustrada* era justamente o dito latino: “Ridendo castigat mores”. Como, além da crítica às avessas, havia a chamada “crítica séria”, o que diferenciava uma da outra era que naquela se encontrava um tom exagerado, além dos excertos transcritos que desmentiam o louvor ao poeta examinado. Em um dos textos o cronista chamará de “pulga parnásica” à mania que muitos tinham de escrever em versos, mesmo sem habilidade e conhecimento. Reunindo, portanto, os traços desses escritores sem talento, não apenas será possível distinguir os aspectos que deveriam ser evitados na poesia das décadas de 60 e 70 do século XIX, segundo os cronistas da *Semana Ilustrada*, como também verificar que os elementos comentados ainda são atuais, por serem condições *sine qua non* para quaisquer candidatos a escritores.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Semana Ilustrada*; Crítica às avessas; Crônicas.

**ABSTRACT:** Within the literary criticism in the chronicles of the *Semana Ilustrada* (1861-1876), I propose to identify what characterize the so-called “bad poets”. These “rhymers poets”, “poets without lute”, “invalid poets”, “poets of broken foot”, were constantly targeted by the chroniclers to ridicule. It was with subtle irony or with overt demonstration, the chroniclers that pointed to the “poetic aberrations” had the objective to correct through the laughter, as the motto of the *Semana Ilustrada* was precisely the latin saying: “Ridendo castigat mores”. As, in addition to the “reverse criticism”, had also the called “serious criticism”, which differed from one another was that it was an exaggerated tone, in addition to the excerpts transcribed that deny the praise to the examined poet. In one of the texts the chronicler calls “parnasian flea” the writers without skill and knowledge. So, therefore, the traces of these writers without talent can be possible to distinguish the aspects that should be avoided in poetry from the 1960s and 1970s of the 19th century. By the according to the chroniclers of the *Semana Ilustrada*, are also check that the elements discussed are still current, because it’s conditions for the writers.

**KEYWORDS:** *Semana Ilustrada*; Reverse criticism; Chronicle.

Em 1860 foi lançada *A Semana Ilustrada* pelo editor alemão Henrique Fleiuss (1824-1882), considerado o verdadeiro iniciador da imprensa humorística no Brasil. A identidade visual do periódico seria inspirada na velha escola satírica europeia, e assim nasceria o Dr. Semana, “personagem cujo busto aparecerá como ilustração do logotipo do periódico. Trazendo na indumentária as marcas de sua origem, o Dr. Semana é um homem vestido à europeia”, segundo Azevedo (2010, p.26). Assim ele é ilustrado: enquanto sua mão direita segura um exemplar da *Semana Ilustrada*, a esquerda ajuda dois bobos da corte a passar uma tira com imagens numa lanterna mágica, posicionada à frente da personagem, em cuja objetiva lê-se o lema da publicação: *Ridendo castigat mores*<sup>1</sup>.

Explicitando, em seu primeiro número, a diretriz satírico-humorística do periódico, o editor explica o lema e escreve ainda:

Na política, no jornalismo, nos costumes, nas instituições, nas estações públicas, no comércio, na indústria, nas ciências, nas artes, nos teatros, nos bailes, nas modas, acharemos para a *Semana Ilustrada* assunto inexaurível, matéria inesgotável para empregar o lápis e a pena. (*Semana Ilustrada*, dez. 1860, p. 2-3)

Nesse contexto de convite ao riso e de mostra do lado ridículo dos vários setores da sociedade brasileira é que surgem também as sátiras aos escritores brasileiros, cujas produções sem talento e sem cuidado são “matéria inesgotável” para os redatores da *Semana Ilustrada*, que teve no quadro de seus colaboradores nomes como Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, Pedro Luís e outros.

<sup>1</sup> Sílvia Azevedo (2010, p. 26-27) explica de forma mais detalhada a ilustração da *Semana Ilustrada*.

Logo nas primeiras edições surgem alguns textos intitulados “debiques”, ou seja, “escárnios”, “zombarias”: depois do “Debique político” e do “Debique municipal”, que aparecem na terceira edição, na edição de número 5 surge o “Debique poético”, o qual, como os demais artigos, não é assinado.

Assim inicia o cronista:

Ah! Os poetas pensavam que a *Semana* só debicaria os barrigudos e fiscais? Pois, não senhores; vai também debicar os tocadores de lira (*os tocadores*; entendam-me bem).

Porquanto duas qualidades de poetas distingue a *Semana*: os poetas-poetas e os poetas rimadores. O número dos primeiros é limitado; a casta dos segundos é infinita e antiga como o mundo com o qual acabará. (*Semana Ilustrada*, s/d, p. 35)<sup>2</sup>

Dessa forma, o debique não se dirigiria aos bons poetas – os “poetas-poetas”, mas aos poetas sem talento, os “poetas rimadores”, também chamados, num certo momento, de “paciencidas”. Em outras edições haverá ainda referência ao grande número desse tipo de poetas. Na edição 431, por exemplo, na seção “Pontos e vírgulas”, se lê que há “mais poetas entre nós que árvores nas nossas florestas” (DR. SEMANA, 14 mar. 1869, p. 3443)<sup>3</sup>. É claro que, em meio a tantas produções, e a tantos produtores de poesia, haveria muitas composições nas quais faltassem conhecimento e talento, e sobrassem pressa, descuido e ingenuidade.

Raimundo Magalhães Junior, no segundo volume de *Vida e Obra de Machado de Assis* menciona que Machado, “já investido no primado da crítica” (1981, p. 55), escrevera uma série de artigos sobre textos extremamente

<sup>2</sup> As primeiras cinco edições da *Semana Ilustrada* estão sem data, mas pela própria “Declaração” da edição número 32, o primeiro número é de 16 de dezembro de 1860. A quinta edição, portanto, é de 13 de janeiro de 1861.

<sup>3</sup> “Hoje não se volta uma esquina sem esbarrar com um poeta. Há mais poetas entre nós que árvores nas nossas florestas. Até aqui a maior classe era a dos estadistas: hoje equilibram-se a dos estadistas e a dos poetas” (DR. SEMANA, 14 mar. 1869, p. 3443).

ruins, mas fazendo elogiosos comentários a seus autores, sempre transcrevendo trechos para que o leitor formasse o seu juízo e compreendesse a brincadeira. Para Magalhães Junior, como Machado escreve essas “gaiatices literárias” num período de apenas seis meses (5 de setembro de 1869 a 21 de fevereiro de 1870), estaria o escritor ensaiando um novo gênero, humorístico, de “crítica às avessas” (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p. 55). Magalhães Junior estabelece esse período de seis meses baseado em artigos assinados por pseudônimos que Machado teria usado: Gil, Dr. Semana e Lara, mas há outros textos além dos que Magalhães Junior cita. Só sobre Martins Guimarães, mesmo que com grandes intervalos, há crítica entre 20 de janeiro de 1867 a 27 de outubro de 1872.

Esses nove textos mencionados pelo biógrafo de Machado foram escritos nos periódicos *Semana Ilustrada* e *Jornal da Tarde*<sup>4</sup>, e tratavam de versos, romances e comédias.

Adotamos a expressão “crítica às avessas”, cunhada por Magalhães Junior, e acreditamos que Machado de Assis não apenas estaria ensaiando, com isso, um novo gênero, mas se aproveitando da liberdade do periódico humorístico e do fato de escrever sob pseudônimo. Essa liberdade permitia o descompromisso com a seriedade, esse modo irreverente de fazer crítica, além de ser uma forma de educar pelo riso. Além disso, a redação do jornal, e ele próprio como escritor, deveriam receber muitos livros de autores com esperança de que fossem objeto de artigos. Com tanto material, era uma forma também de preencher as suas colunas obrigatórias, seja na falta de assunto, seja como assunto principal, o que acabou muitas vezes acontecendo<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Esses textos também fazem parte da coletânea *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, organizado por Sílvia Maria Azevedo, Daniela M. Callipo e Adriana Dusilek (2013).

<sup>5</sup> Não se tem certeza se todas as críticas às avessas são de Machado de Assis, pela questão do uso de pseudônimos. Pode ser que outros cronistas da *Semana Ilustrada* fizessem a mesma coisa. Apesar de muitos textos serem assinados pelo mesmo pseudônimo “Dr. Semana”, eles indicam, salvo alguma “armadilha” feita para o leitor, mudança de escritor, com expressões do tipo “O meu antecessor [...]”.

Além de Martins Guimarães, há ainda, na *Semana Ilustrada*, outros criticados como o Sr. Luiz; F.M. de S.J. Brandão (também chamado, em outras críticas, Santa Isabel Brandão, Frei Brandão e Frei Manoel de Santa Izabel Brandão); João Máximo Garcia Maciel Aranha de Souza Castro; Sr. A.J. Álvares (ou Antônio Álvares); Brazilino Dias, Sr. Pedreira Braga, José de Azurara e outros. Algumas vezes, como se desconhece o nome do autor, tem-se apenas as iniciais, como V.X.Y e J.B. Em outros textos nem se coloca o nome do autor ou há apenas menções vagas como “um poeta do Ceará”, pois o que mais importa é a galhofa sobre ele e suas produções. Em 17 de novembro de 1872, por exemplo, o Dr. Semana escreveria: “E recomendo igualmente um poeta, cujo nome não sei, – apenas vejo duas iniciais, J.B. Mas que vale o nome quando temos a obra?” (DR. SEMANA, 17 nov. 1872, p. 4979).

Para Raimundo Magalhães Junior (1981, p. 72), os ensaios de crítica às avessas de Machado de Assis eram “produtos de um espírito galhofeiro, que contemplava jovialmente os desesperados esforços dos literatos *ratés*, simples comparsas anônimos da comédia literária [...]”. Como “Dr. Semana” era um pseudônimo de uso coletivo, e havia também outras assinaturas que entravam na brincadeira, é possível que não apenas um espírito galhofeiro, mas vários se irmanavam nessa jovialidade ao descreverem as tentativas fracassadas de muitos literatos para firmarem seus nomes no rol dos grandes escritores.

Sejam registrados alguns trechos desse tipo de composição, com um acentuado teor irônico e citação de trechos que servem para desmentir o afirmado.

Martins Guimarães é um dos poetas mais citados nesse tipo de crítica literária. Ao registrar o quarto livro do poeta Martins Guimarães, *Nuvens da América* (depois da publicação de *Capela Poética*, *Ramalhete Poético* e *Bouquet Poético*) o cronista (Gil/Machado de Assis) parece elogiar sua

fecundidade, mas o que se destaca é o número reduzido de páginas de cada livro: “Poucos poetas têm sido tão fecundos como este; verdade é que cada volume não tem mais de 25 páginas, mas o valor de uma obra não está na quantidade, está no mérito” (GIL, set. 1869, p. 3646).

O crítico cita trechos do poeta, tanto da prosa quanto dos versos, e os elogia de forma irônica, como a seguir:

A poesia “Este Mundo” é um resumo das misérias sociais. Começa por uma reflexão simples, mas enérgica:

Há homens bafejados da boa sorte,  
Atirados ao tapete da felicidade;  
Empolgando uma cadeira de degraus,  
Sobem a passos largos a uma posição  
Elevada e superior, e como subida,  
Não tem isso uma proba definição.

Seis versos, e que quadro! Que pintura simples e enérgica do que são os mimosos da fortuna! (GIL, set. 1869, p. 3647)

Destaca ainda expressões do livro como “cálculos do esterquilínio” e “*quantum* metálico”; usa de louvores em excesso como “esta magistral estrofe”, e também compara o poeta a grandes nomes, como nesta frase: “Assim termina a ode “Este mundo”, página digna de Lamennais, se escrevesse em verso, digna de Victor Hugo se escrevesse em português” (GIL, set. 1869, p. 3647). E finaliza, ainda ironicamente: “Paremos hoje por aqui. Vinho de Chipre vai devagar” (GIL, set. 1869, p. 3647).

Relendo esse tipo de crítica literária irônica, sobre “maus poetas”, uma das perguntas que se faz é: “Quais eram as características desses ‘versejadores’ (ou ‘poetastros’, ‘poetarrões’, ‘poetas rimadores’, ‘poetas sem alaúde’, ‘poetas inválidos’, ‘poetas de pé quebrado’)?”<sup>6</sup> Alguns elementos

percebidos, em geral, na leitura dos trechos citados, são: esses poetas não tinham consciência de sua inabilidade; desconheciam regras básicas de gramática e ortografia; procuravam imitar os bons poetas, mas exageravam nas figuras de linguagem, principalmente nas metáforas, metonímias e hipérboles; construíam rimas paupérrimas ou descabidas; revelavam falta de leitura ou leitura superficial dos grandes autores e das questões sociais da época.

Um exemplo do exagero em que muitas vezes incorriam esses *poetastros* está em crônica da seção “Badaladas” de 23 de julho de 1871, em que o Dr. Semana se debruça sobre as várias imagens que um poeta utiliza para descrever “a glória”: “Tenho hoje um poeta novo, o melhor talvez da novíssima escola, que tanto brilha aí por esse mundo de Cristo e do diabo. Remeteram-me do norte embrulhado em uma carta” (DR. SEMANA, jul. 1871, p. 4426). Mais adiante diz: “O leitor supõe saber o que é a glória. Eu também tinha essa ilusão, – aliás salutar, como todas as ilusões” (DR. SEMANA, jul. 1871, p. 4426). E continua: “Mas verdade verdade; nem eu nem o leitor sabíamos o que era a glória. O poeta descobriu horizontes tão novos e abismos tão profundos, que me convence da nossa insigne ignorância” (DR. SEMANA, jul. 1871, p. 4426). E depois de citar vários trechos com definições sobre a glória, o cronista ainda elenca outras tantas que aparecem no poema:

Inventariando as definições do novo poeta, vem a glória a ser as seguintes coisas:

O corcel do combatente.  
O sangue.  
O fumo.  
O cruciar das entranhas.  
O trapo roto da metralha.  
O gladiar enorme da vida com a morte.  
O rugido da fera.

<sup>6</sup> Essas são algumas das expressões que aparecem nas crônicas da *Semana Ilustrada*.



O soluço da vaga.  
A frota negra dos horrores.  
O cálix de repentés.  
A palidez de Lélia.  
O baque do cadáver.  
A moça louçã das insônias.  
O luto no semblante.  
A morte sem perdão.  
A sede no areal.  
O meteoro de crenças. Etc. etc.

(DR. SEMANA, jul. 1871, p. 4427)

Verifica-se, na lista transcrita, que além da grande quantidade de metáforas, as expressões, em sua maioria, não possuem coerência. E ao final do texto Dr. Semana, como se costuma fazer em outros escritos de crítica às avessas, incentiva o poeta a continuar a escrever (depois de fazer ver o que seria a verdadeira opinião da crítica): “Parece um caos ou uma gaveta de sapateiro, dirão alguns críticos de má morte. – Deixá-los! Continue o poeta a cultivar o seu talento [...]” (DR. SEMANA, jul. 1871, p. 4427).

Na edição 376, de 23 de fevereiro de 1868, aparece uma ilustração (no canto inferior direito) do que seria a “Representação exata da mulher cantada pelos poetas” (*Semana Ilustrada*, fev. 1868, p. 3005). Como havia uma repetição muito grande de certos clichês, o caricaturista teve a pachorra de reunir tais definições sobre as partes do corpo da mulher idealizada. E coloca a seguinte legenda: “olhos, 2 estrelas; faces, de rosas; boca, de coral; dentes, pérolas; acrescentem um rosto oval, pescoço de cisne, braços e mãos de lírios, e aí tem a perfeição poética, isto é, o monstro humano” (*Semana Ilustrada*, fev. 1868, p. 3005).

Figura 1<sup>7</sup>



<sup>7</sup> *Semana Ilustrada*, fev. 1868, p.3005

Esse uso de imagens já gastas seria também próprio dos escritores sem talento. Outra característica seria o gosto pela prolixidade, ainda que os textos fossem ruins: “Eu sou como os maus poetas: em tomando gosto à escrita, nunca mais largo a pena e vou por diante” (TÚNEL, dez. 1865, p. 2101)<sup>8</sup>.

Em crônica de 10 de março de 1872 (DR. SEMANA, mar. 1872, p. 4690), o cronista de *Badaladas*, ao falar do poeta baiano Brazilino Dias, que escrevera um poema intitulado “O ensino”, comenta:

Não é desses poetas d’água doce, que fazem versos à lua; é poeta de pulso e de utilidade. A escola a que se filiou é escusado dizer que é a escola atrevida, a escola das águias. E deve ser assim. O cisne é figura velha. Hoje um poeta deve ser, quando menos, águia. Esgotaram-se os lagos; restam píncaros e nuvens.

Essa imagem dos poetas, considerados como cisnes, escrevendo “versos à lua”, que seria coisa do passado, e a valorização do poeta-águia, com mais pulso, influenciados por Victor Hugo, querendo atingir “píncaros e nuvens”, é mais um encobrimento irônico de outro ruim poeta. O começo da crônica, aliás, induz a crer que se trata de uma crítica séria. No entanto, com os trechos que transcreve, e com o desenvolvimento da crônica, se percebe a sátira. É um poeta que usa termos esdrúxulos, exagerados e incoerentes.

Também na edição 651, no mesmo tom de humor, ou num nível até mais escancarado, e condenando a “poesia desmaiada”, o cronista de *Badaladas* faz comentário da poesia de Pedreira Braga, não sem antes salientar: “Agora vamos fechar isto com a chave de ouro do costume” (DR. SEMANA, jun. 1873, p. 5203). E afirma:

<sup>8</sup> Esse texto intitula-se “Carta do Túnel”. Era comum, no periódico, coisas e animais serem “autores” de algumas composições. Nesse caso, o túnel ferroviário fala de sua própria inauguração. O “Túnel Grande”, como era chamado, foi inaugurado em dezembro de 1865 e era o maior na época.

Conhece o leitor o Sr. Pedreira Braga? É um poeta, um poeta nesses dias de prosa. Tem escrito versos mui apreciados, entre outros uns em louvor das bibliotecas, obra de rara energia e harmonia.

Seus versos não são esses versos chatos, incolores, amarelos com que nos andam a amolecer os ouvidos alguns aspirantes ao petrarquismo. Pelo contrário, são fortes e duros como o bronze, vastos como a amplidão, revelando a cada instante uma novidade de ideia, uma originalidade de vocábulo, o que tudo prova a altura do seu talento e o grande futuro da sua inspiração. (DR. SEMANA, jun. 1873, p. 5203)

E após citar alguns trechos e comentá-los<sup>9</sup>, adverte os novos poetas para que imitem Pedreira Braga. Nessa fala, usa termos do próprio poeta:

Poetas juvenis, imitai versos destes. Deixai essa poesia desmaiada, essa poesia de soro de leite; sede fortes, altivos, grandes, desafiái as esponjas do caos. Não há esponjas do caos quando se escreve um nome nas Tábuas do Infinito, com a Pena enorme do Querer. Subir é a aspiração suprema da ave Mocidade; o Gênio é a Asa multicolor da inspiração; nada vale Nada, porque Tudo é tudo. (DR. SEMANA, jun. 1873, p. 5206)

“Esponjas do caos”; “Tábuas do Infinito”, “Pena do Querer” são algumas das expressões usadas pelo poeta criticado.

Na edição 672, é com razão que o cronista afirma: “Os poetas novéis ou incapazes acham-se sempre atrapalhados para dizer em verso certas coisas que geralmente é melhor dizer em prosa. Não assim os bons poetas; esses sabem dar um tom poético às circunstâncias mais prosaicas da vida” (DR. SEMANA, out. 1873, p. 5370). No entanto, esse dito torna-se irônico

<sup>9</sup> 3ª estrofe:

E Deus em tua campá afunda um horizonte!  
E é sobre campas tais que o seu esplendor vela!  
Se além, como um cometa esfera-se uma fronte,  
Do caos sai uma esponja e apaga a enorme estrela.

Esta última estrofe, melhor direi estes dois últimos versos, não os recusaria Victor Hugo. O próprio Milton, o próprio Dante, não deixariam de invejar esta (DR. SEMANA, jun. 1873, p. 5203 e 5206).

perante “um poeta da Paraíba” que está sendo analisado<sup>10</sup>. Apesar de justificar que a afirmação não se aplica ao poeta, é o que se deduz dos trechos citados. A título de exemplo será colocado um dos trechos citados e o comentário do Dr. Semana<sup>11</sup>:

Contava ele, portanto, bem agora  
Quatro lustros, sim, mais quatro anos  
No princípio da vida, em sua aurora  
Eis que vem a – inimiga – dos humanos  
Cortar-lhe com o seu golpe que devora  
A sua vida em flor! e os seus planos!...  
E assim em vésperas, coitado, de formar-se  
No cemitério da Bahia foi sepultar-se!...

Dr. Semana assim comenta o trecho: “Esta é a verdadeira poesia, a que não se perde em floreios inúteis, mas vai direita ao fim. A poesia de hoje tem o defeito de ajuntar palavras e figuras inúteis, ficando muito boa para o ouvido (nem sempre), mas para o espírito – detestável” (DR. SEMANA, out. 1873, p.5370). Além do tom irônico sobre o fim do poema citado, observe-se a menção a um defeito que seria próprio desses maus poetas: inserir palavras e figuras inúteis.

Na edição 499 o cronista de “Badaladas” afirma que “não nos faltam poetas; o que nos sobra é preguiça” (DR. SEMANA, jul. 1870, p. 3987). Embora, no contexto da crônica, Dr. Semana se refira ironicamente ao fato da poesia do Dr. Porto ser curta, e finja que gostaria de ler mais versos como os que lera: “Se não fosse a preguiça, em vez de descer com este pequeno canto, traria o Dr. Porto um poema, ou pelo menos uma ode extensa com seus epodos, estrofes e antistrofes” (DR. SEMANA, jul. 1870, p. 3987), tal

<sup>10</sup> O poeta é tão “insignificante” que nem seu nome é transcrito. Seu poema serve apenas para fazer rir.

<sup>11</sup> O poema é um lamento à morte de um amigo do poeta.

atributo –a preguiça – é o que se depreende de versos mal trabalhados por esses poetas que, ou não tinham talento, ou não possuíam a paciência necessária para pensar e refazer seus trabalhos.

Sobre a afirmação de que não faltavam poetas, diversos são os trechos que ressaltam a grande quantidade de pessoas dispostas a escrever em versos. Já foi citada a passagem em que se afirma que haveria mais poetas que árvores nas nossas florestas. Além dessa, observamos expressões como: “Os poetas vão aparecendo aos cardumes” (DR. SEMANA, mai. 1868, p. 3091) e “Há mais poetas aqui do que cogumelos na minha terra” (DR. SEMANA, fev. 1869, p.3418). A figura do cogumelo aparece ainda na edição 712, na seção “Pensamentos”: “Os poetas, os pintores, e músicos, são como os cogumelos: por um bom acham-se dez mil maus” (*Semana Ilustrada*, ago. 1874, p.5695). Sobre a primeira expressão: “Os poetas vão aparecendo aos cardumes”, fique o leitor com uma pequena amostra dessa “crítica às avessas”, com a continuação do trecho, pois que define bem o estilo irônico do cronista:

Os poetas vão aparecendo aos cardumes.

Ontem fui procurado por um que cultivava o gênero difícil, o gênero ginástico-poético.

Deu-me a seguinte amostra que eu comunico aos leitores, lembrando-lhes porém aquela poesia de Victor Hugo os *Djinnns*, que começa assim:

Murs, ville,  
Et ports,  
Asyle  
Des morts.

Cá o meu poeta imitou o gênero e construiu este interessante brinquedo:

De Homero  
Saber  
Não quero;  
Viver  
Com alma,  
Sem palma,

Na calma  
Isso é ter..  
Qu’importa  
Esse véu  
Na porta  
Do céu?  
Eu sinto,  
(Não minto)  
Pressinto  
O escarcéu.

Não pensem que isto é brincadeira; os versos são autênticos. Tenho-os em mão para quem os quiser ver.

Custa a crer que um gênio destes ainda não seja conhecido. Chama-se J. de Castro Rodrigues. (DR. SEMANA, mai. 1868, p. 3091)

Além disso, na edição 429, na seção “Pontos e vírgulas”, o cronista pensa em como seria o resumo do século XVIII:

Resumo histórico do século que há de fazer o *Jornal do Comércio* no dia 1º de janeiro de 1900: “Período de 1864 a 1869: Grande Guerra do Brasil com o Paraguai. Morreram muitos homens em campanha; sucederam-se muitos ministérios. Distingue-se o período em relação ao Brasil por duas grandes abundâncias: algodão e poetas”. (DR. SEMANA, fev. 1869, p. 3427)

Os cronistas da *Semana Ilustrada*, ao se disporem abordar os escritores sem talento, o fazem de duas maneiras: ou através da ironia, e nesse caso realizam a chamada “crítica às avessas”, ou de forma direta, condenando a má influência desses escritores.

Na edição 643, Dr. Semana, em “Badaladas”, comenta sua própria atitude, ao falar de um poeta espanhol:

Agora uma lambujem literária antes de acabar. Sou talvez o jornalista mais solícito em dar notícias de poetas e poetarrões que aparecem no horizonte da literatura.

Até hoje limitava-me a falar dos nacionais. Reconheço, porém, que é mesquinho, n’um tempo em que as fronteiras se vão arrasando, ficar atado a estas acanhadas condições de nacionalidade. (DR. SEMANA, abr. 1873, p. 5139)

De fato, o cronista de “Badaladas” é solícito, mas normalmente, como nessa crônica citada, tal solicitude vem acompanhada de ironia. Mais adiante, em outra crônica, descreve como os poetas eram vistos, mas em terceira pessoa, e fazendo de conta que não concordava com tal descrição, pois teria surgido um poeta a desmentir tais características (mas se trata de outro poeta sem talento). A descrição é a seguinte:

Andavam a dizer que a poesia era uma bebedeira do espírito, uma ocupação indigna de gente séria, sobretudo de gente pançuda, que é a única gente digna do nome de gente que a gente pode ver. Um poeta era geralmente cumprimentado com um tríplice ar de simpatia, desprezo e lástima. Ninguém via no poeta mais do que um alinhador de regras curtas e compridas, dado aos colóquios com a lua, vivendo de suspiros e estrelas, correndo atrás dos consoantes e adiante dos credores. § Pobres poetas! Misérrima poesia! (DR. SEMANA, set.1873, p. 5338)

É assim que o cronista afirma muitas características negativas sobre os poetas, mas sem se responsabilizar pelas afirmações.

Por outro lado, também surgem críticas de maneira direta e taxativa, ainda que muitas vezes com humor, como na edição 391, de 7 de junho de 1868, em que o cronista de “Memórias da semana”, Dr. Semana, promete ser diferente de seu antecessor, que teria sido muito amável, e que, pelo seu programa, buscará falar de tudo com franqueza, entre outras coisas sobre “os escritores sem talento, os poetas sem alaúde [...]” (DR. SEMANA, jun. 1868, p. 3122). Parece ser este mesmo cronista que, na edição 399, na seção “Pontos e vírgulas”, após transcrever um acróstico, discorre sobre a influência negativa da “poesia incompreensível”:



Esta poesia, que não é a poesia *incomprise* dos franceses, mas a poesia incompreensível de todos os povos, está fazendo cada vez mais prosélitos, e eu creio que descobri o fim da história.

O fim da poesia incompreensível é desacreditar a poesia e pôr por terra a falange dos poetas.

Não lhe vejo outro; mas alcançarão o *desideratum*? (DR. SEMANA, ago. 1869, p. 3186)

O tom, portanto, aqui, é mais incisivo, no sentido de apontar diretamente o vício que deve ser corrigido, que é a “poesia incompreensível”, feita por escritores sem talento, que podem causar o descrédito da poesia em geral. Não obstante esse trecho com uma crítica mais mordaz, o conjunto da crônica está envolta ainda num leve humor e numa inofensiva ironia.

Numa das crônicas de “Crônica para lamentar” (AGNUS POPULI, ago.1868, p. 3198), assinada sempre por “Agnus Populi”, o cronista fala também do tema do momento: a queda de Humaitá, evento da Guerra do Paraguai<sup>12</sup>. Lamenta, porém, que os oradores brilhantes, nesse momento, se calem, e que o que se ouve venha dos “poetas entusiastas”, também chamados, adiante, de “poetastros” (AGNUS POPULI, ago.1868, p. 3198): “À prosa sucede o verso; e de todos os corpos sociais salta uma pulga parnásica: do comércio, do claustro, da milícia” (AGNUS POPULI, ago.1868, p. 3198). O cronista, que se utiliza de citações latinas e personagens da mitologia, após afirmar que poetas e prosadores pertencentes ao “mesmo batalhão”, quando riem ou choram, o fazem por conta própria, mais pensando no ato de sua exibição que naquilo que abordam, e após confessar que busca fugir mais ainda quando é feminina a voz poética, descreve algumas das características desses escritores:

Os entusiastas gozam de certas regalias, que a outros não se permitem.

Por exemplo: não medem os versos, desprezam a sintaxe da concordância, e à falta de verbo que exprima o que lá lhes vai por dentro, inventam; e é nisso que são originais, únicos. Para eles não há figuras de contração; não há palavra que não caiba no verso, porque não há verso em que bem caiba o seu enorme pensamento. (AGNUS POPULI, ago. 1868, p. 3198)

Na edição 434 (4/04/1869), o cronista “Agnus Populi”, ao comentar uma leitura que fez no *Diário do Rio de Janeiro*, abre um parêntesis para dizer que o *Diário* seria protetor desses ruins poetas (como se a *Semana Ilustrada* também não fosse...). Eis o trecho a respeito:

Cumprido dizer aqui, em forma de parêntesis, que o *Diário* é o protetor de grande número de poetas e até de algumas poetisas; e, bom cristão, como se tem apregoado ultimamente, não estraga a sua caridade com quem não há mister de amparo; isto é, que os seus protegidos não são os escorregados, mas os inválidos, os versos de pé quebrado. (AGNUS POPULI, abr. 1869, p. 3466)

O cronista dá o exemplo da “poetisa D. Fulana”. Diz que o leitor, se já sabe que dela se trata, pode ficar preparado para “um batalhão de versos inválidos, tropeçando uns nos outros” (AGNUS POPULI, abr. 1869, p. 3466) enquanto a poetisa “dorme à sombra dos louros plantados pela mão desvelada do noticiarista do *Diário*” (AGNUS POPULI, abr. 1869, p. 3466). De fato, no *Diário do Rio de Janeiro* de 26 de março de 1869, na página 1, foi encontrado o poema mencionado. Se na *Semana Ilustrada* há a informação de que “E para que não se duvide da piedade literária do *Diário*, não nos dá versos sem prólogo, em que assegure ao leitor que vai obsequiá-lo com uma bela poesia da distinta poetisa D. Fulana” (AGNUS POPULI, abr. 1869, p. 3466), no “Noticiário” do *Diário* se lê: “Poesia – A que em seguida transcrevemos, consagrada ao dia de hoje, é da distinta poetisa brasileira a Exma. Sra. D. Anna Bárbara de Lossio Seiblit<sup>13</sup>”

<sup>12</sup> Na época o principal ponto de defesa paraguaio era em Humaitá, e o exército brasileiro, sob o comando de Duque de Caxias, ali conseguiu vitória.

<sup>13</sup> Ana Bárbara de Lossio e Seiblit (1829-77), escritora, filha natural de um Senador do Império, também sacerdote e Magistrado, Dom Nuno Eugênio de Lossio e Seiblit.

(*Diário do Rio de Janeiro*, mar. 1869, p. 1). O poema, sem nome, começa com o verso “Do recinto cristão no templo agosto” (*Diário do Rio de Janeiro*, mar. 1869, p. 1).

Nessa época, em que todos se arriscam a escrever em versos, o cronista de *Badaladas*, num dos últimos números da *Semana Ilustrada*, na edição 794 (DR. SEMANA, fev. 1876, p.6346) se dispõe, caso um dia seja eleito, a sugerir uma lei contra a poesia e os poetas: “Hei-de propor um auto-da-fé para tudo o que for livro de linhas curtas, e um termo de bem viver para todos os que pretendam falar diferentemente do resto da sociedade”.

Como foi visto, os elementos apontados na caracterização dos escritores sem talento, como problemas gramaticais, expressões esdrúxulas, preguiça, gosto pela prolixidade, excesso de figuras de linguagem, rimas pobres, incoerência, clichês e falta de leitura são problemas que não são restritos a uma determinada época. O oposto desses componentes continua sendo os princípios básicos para o ato de escrever. E é pela ausência dessas noções fundamentais que as sátiras foram elaboradas, já que não seria possível haver uma crítica literária séria sem produções que atendessem a tais rudimentos. Assim, esses “versos de pé quebrado”, ou essa “pulga parnásica”, que a inúmeros candidatos a poetas atacara, forneceram subsídios para muitos textos de crítica às avessas, pelos quais os críticos indicavam, ainda que sinuosamente, o que deveria ser evitado por quem queria se dedicar à literatura.

## Referências

- AGNUS POPULI. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 400, p. 3198, ago. 1868.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 434, p. 3466, abr. 1869.  
 AZEVEDO, Sílvia Maria. *Brasil em Imagens*: um estudo da revista Ilustração Brasileira (1876-1878). São Paulo: Editora Unesp, 2010.  
 AZEVEDO, Sílvia Maria; CALLIPO, Daniela M.; DUSILEK, Adriana (Orgs.). *Machado de Assis*: crítica literária e textos diversos. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

- DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro. Número 84, p. 1, mar. 1869.  
 DR. SEMANA. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n.387, p.3091, mai. 1868.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 391, p. 3122, jun. 1868.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 399, p. 3186, ago. 1869.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 428, p. 3418, fev. 1869.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 429, p. 3427, fev. 1869.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 431, p. 3443, mar. 1869.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 499, p. 3987, jul. 1870.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 554, p. 4426, jul. 1871.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 554, p. 4427, jul. 1871.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 587, p. 4690, fev. 1872.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 623, p. 4979, nov. 1872.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 643, p. 5139, abr. 1873.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 651, p. 5203, jun. 1873.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 651, p. 5206, jun. 1873.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 668, p. 5338, set. 1873.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 672, p. 5370, out. 1873.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 794, p. 6346, fev. 1876.  
 GIL. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 456, p. 3646, set. 1869.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 456, p. 3647, set. 1869.  
 MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. Vol. 2.  
 \_\_\_\_\_. *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 2-3, s/d.  
 \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, n. 5, p. 35, s/d.  
 \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, n.376, p. 3005, fev. 1868.  
 \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, n. 712, p. 5695, ago. 1874.  
 TÚNEL. *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 263, p. 2101, dez. 1865.

Recebido em 21/04/2015.  
 Aceito em 25/09/2015.